

“Jornalistas, separem o essencial do acessório.” (Opinião)

written by Alberto Jorge Santos | 19 de Janeiro, 2024

OCIDADAO
Jornalismo Livre



Jorge Santos

“Os senhores jornalistas têm de começar a separar o essencial do acessório.” – disse, hoje, Luís Montenegro à comunicação social que o acompanhava em evento partidário.

Assim pensam os políticos de uma forma geral. Está-lhes “no

sangue"! Quando as perguntas são incómodas, em vez de ficarem calados, atiram ao mensageiro.

Espero que no Congresso dos Jornalistas, a decorrer em Lisboa, alguém chame a atenção para esta frase. É um detalhe, é certo, mas de uma grande importância. O problema está sempre nos detalhes...

Foi o presidente do PSD, mas quase todos os líderes políticos têm esta pose sobranceira e manipuladora. A tendência para puxarem a comunicação social para o seu lado é tentadora. Demasiado tentadora. E levam a palma, algumas vezes...

Arautos da democracia, gostam de inundar o éter com o imprescindível elogio à imprensa e do papel que esta tem no Estado de Direito. Do inegável contributo para vivermos em Liberdade.

Depois, desrespeitam esses "agentes essenciais" do regime democrático. Não conseguem entender o pormenor mais básico: o jornalista, para levar a informação aos cidadãos, precisa de questionar as fontes. Cabe-lhe, juntamente com o seu editor, fazer a distinção entre o que é importante e o que é dispensável.

Quem faz do jornalismo vida, seguramente que já deve ter sido confrontado, por diversas vezes, com respostas incompreensíveis às suas perguntas, na forma de "*essa pergunta não faz sentido*", "*quem lhe encomendou a pergunta*", "*não faz sentido o que está a perguntar*" ou "*não percebo por que pergunta isso*", entre muitas outras formas. Às vezes muito deselegantes e malcriadas.

Os jornalistas perguntam. É a sua função. Não obrigam quem quer que seja a responder. Não condicionam a resposta, limitam-se a citar o que ouvem.

É certo que o problema da classe jornalística, hoje, é gravíssimo. De sobrevivência. A precariedade, que sempre existiu (desde o início de 80 que existe, pelo menos!),

agravou-se com a entrada dos grandes grupos económicos na imprensa. A toxicidade dos maus administradores é um vírus demasiado resistente. Que leva à morte. Dos títulos...e dos profissionais.

Mas o “tique” de Montenegro é muito importante. Dá a conhecer à sociedade a forma como o poder político é hábil na demagogia frente à imprensa. E na hipocrisia – por um lado “exigem” jornalismo livre, depois, quando confrontados, dão respostas tontas.

É no meio destes poderes – más administrações e políticos manipuladores – que os profissionais dos media têm de sobreviver. Um equilíbrio instável...

Ser livre e independente não é fácil, acreditem.